



# A oralidade nas redes sociais: conceitos e características à luz da enunciação

*Orality in social networks: concepts and characteristics in the light of enunciation*

## RESUMO / ABSTRACT

O domínio dos gêneros discursivos se desenvolve com o próprio uso e aprendizado da língua, até porque desenvolvemos nossas habilidades linguístico-discursivas em situações de prática social, que determinam os temas de que falamos e sua configuração composicional e estilística. Desenvolvimento similar se verifica

### Palavras-chave:

oralidade; redes sociais; enunciação

escrevam. Isso significa que, nas redes sociais, certos contextos de interação demandam gêneros que, embora de expressão escrita, são constitutivamente orais. A oralidade é assim concebida como um traço que pode ser comum a ambas as expressões, fala e escrita. Trataremos neste artigo de conceituar e caracterizar essa oralidade

nas redes sociais. Discutiremos, nesse sentido, a noção de oralidade constitutiva; sustentaremos essa noção com base em fundamentos da enunciação; e a transferiremos para a caracterização das interações na internet. Por fim, mostraremos a emergência dessa oralidade no espaço discursivo do Facebook.

The mastery of discourse genres develops with the very use and learning of language, not least because we develop our linguistic-discursive skills in situations of social practice, which determine the topics we talk about and their compositional and stylistic configuration. A similar development can be seen in the use of discourse genres in social

### Keywords:

orality; social networks; enunciation

means that, in social networks, certain interaction contexts demand genres that, although written, are constitutively oral. Orality is thus conceived as a trait that can be common to both expressions, speech and writing. In this paper we will try to conceptualize and characterize this orality in social networks. We will discuss, in this sense, the notion of constitutive

orality; we will sustain this notion based on enunciation fundamentals; and we will transfer it to the characterization of Internet interactions. Finally, we will show the emergence of this orality in the discursive space of Facebook.

## AUTOR

José Gaston Hilgert

 gastonh@uol.com.br



Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM

## COMO CITAR

Hilgert, J. G. A oralidade nas redes sociais: conceitos e características à luz da enunciação. *Calidoscópico*, 19(3) - 422-430. 10.4013/cld.2021.193.10

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 31/05/2021

Aprovação: 18/10/2021

## DISTRIBUÍDO SOB



## 1. Considerações iniciais

A competência discursiva no uso dos gêneros, nós a internalizamos com o aprendizado e o domínio da língua materna, que se realizam por meio de interações concretas situadas, no percurso da aquisição, em atividades discursivas gradativamente mais diversas e complexas. Em outras palavras, é no uso cotidiano da língua que desenvolvemos a percepção de adequação dos gêneros às variadas instâncias da vida em que interagimos uns com os outros. “Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência” (Bakhtin, 2011, p. 282).

Desenvolvimento similar se verifica no uso dos gêneros discursivos na internet, particularmente nas redes sociais. Os jovens, em especial os nativos digitais, por terem crescido e se desenvolvido na intimidade com as tecnologias de interação, foram internalizando, digamos, naturalmente, por sua prática cotidiana, que, para tratar de certos temas, em determinados contextos e situações, precisam conversar, ainda que escrevam. Já as gerações mais velhas foram aos poucos, às vezes com relutância, aprendendo conscientemente que, nas interações na internet, há gêneros de textos que, embora escritos, costumam-se realizar ao modo de uma interação falada. E não raro, nesse aprendizado de adequação aos gêneros, os mais velhos revelam “sotaques”, que afloram cá e lá, ora no *WhatsApp*, ora num e-mail, denunciando ser o enunciador de um tempo em que não se faziam tantas concessões à oralidade na escrita.

É dessa oralidade que iremos tratar neste artigo: da oralidade como fator constituinte de diferentes gêneros discursivos de realização medial escrita; em suma, da oralidade como condição de ser desses gêneros. Partimos, assim, do princípio de que, em determinada prática social - “campo de utilização da língua”, segundo Bakhtin (2011) - o ato de falar ou escrever, ou, mais especificamente, o ato de falar ou escrever sobre certo tema e não outro; com determinada configuração composicional e não outra; num estilo e não em outro, não decorre de livre escolha do usuário da língua nessa prática social, mas das coerções da dinâmica geradora de sentidos nessa prática. Com base em fundamentos da enunciação, é nosso propósito pôr à discussão caminhos teórico-metodológicos e horizontes de investigação para o estudo de gêneros discursivos nas redes sociais, exemplificados, neste estudo, por interações no *Facebook*.

O desenvolvimento do texto seguirá o seguinte percurso: inicialmente definiremos, em breve tópico, o sentido de oralidade constitutiva; a seguir, considerando serem os gêneros constituídos por enunciados, produtos de enunciações no âmbito de determinada prática social, discutiremos fundamentos da enunciação a nosso ver indispensáveis para o estudo dos gêneros nas redes sociais; em terceiro lugar, com base nesses fundamentos, nos voltaremos especificamente à oralidade constitutiva dos gêneros das redes sociais; e, por último, caracterizaremos, brevemente,

o espaço discursivo do *Facebook*, apontando, assim, alguns horizontes que nele podem ser investigados.

## 2. A oralidade como instância constitutiva de gêneros discursivos

É no ideário de Bakhtin (2011), conforme alusão já feita, que essa concepção de oralidade lança raízes. Ao tratar do gênero discursivo, o autor define-o como um conjunto de enunciados com estabilidade relativa num determinado âmbito de utilização da língua, como ele próprio afirma: “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (p. 262). Nessa concepção, destacam-se três aspectos: primeiramente, a palavra “enunciado” liga a noção de gênero à enunciação, ou seja, ao uso da língua, no aqui e agora das práticas sociais. Enunciado, nesse sentido, é o produto da enunciação.

Em segundo lugar, ao dizer que “cada campo de utilização da língua” desenvolve seus enunciados relativamente estáveis, Bakhtin explicitamente vincula sua concepção de língua às práticas sociais, quer dizer, às atividades humanas que se realizam por meio de interações linguísticas. A língua de que fala Bakhtin é, ao mesmo tempo, aquela que emerge das ações concretas dos indivíduos em interação e aquela por meio da qual essas ações se realizam e se organizam. A língua é, portanto, indissociavelmente vinculada à dinâmica da vida dos falantes. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (p. 265).

Por fim, a *relativa estabilidade* dos enunciados de um gênero, no âmbito de determinada atividade humana, se revela na convergência temática dos enunciados, em sua estrutura composicional e configuração estilística. Segundo Bakhtin,

uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (Bakhtin, 2011, p. 266).

A consequência desse princípio bakhtiniano é que, com o aprendizado da língua e o consequente domínio do uso dos gêneros, internalizamos a percepção de que, em certa situação e contexto interativo, cabem determinados temas e não outros, cujo tratamento linguístico-discursivo demanda formas composicionais e expressões estilísticas específicas. No que respeita a estas, às expressões estilísticas, cabe ainda destacar que

o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e - o que é de especial importância - de determinadas uni-

dades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva - com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (Bakhtin, 2011, p. 266).

Portanto, a instância da oralidade das interações, seja falando, seja escrevendo, é muito mais do que um modo de expressão linguística. É uma instância discursiva inerente à própria natureza de determinado gênero, por ser condição necessária para o desenvolvimento dos temas em foco nesse gênero; por constituir um fator determinante da estrutura composicional dos enunciados do gênero; por ser uma decorrência das características dos interlocutores em interação e da forma como interagem; em suma, por se tratar de uma exigência indispensável para que uma prática social se realize por meio do gênero em questão.

Explicando melhor, tendo a língua existência na enunciação, isto é, no seu efetivo uso nas interações, falar e escrever são modos distintos de enunciação determinados pelos contextos, pelas situações de vida em que as interações ocorrem. Nesse sentido, então, a oralidade, como a entendemos aqui, é um modo de ser tanto da fala quanto da escrita. É por isso que se pode dizer que há gêneros de expressão falada marcados pela oralidade e de expressão escrita marcados pela oralidade. Exemplificando: uma conversa presencial, face a face, entre dois amigos é um gênero de expressão falada marcado pela oralidade, como também é marcada pela oralidade uma conversa por *WhatsApp*, que é de expressão escrita.

O mesmo vale, digamos, para a “escrituralidade”. Há gêneros de expressão escrita marcados pela escrituralidade e outros de expressão falada marcados por ela. Um texto científico, por exemplo, é de expressão escrita marcado pela escrituralidade, como também é marcada por esse traço uma conferência, que é de expressão falada.

Os exemplos que apresentamos, se situam em polos extremos: a conversa e o *WhatsApp* num polo, e o texto científico e a conferência em outro. Entre eles se distribuem, num *continuum*, os variados gêneros, ora marcados por maior ou menor grau de oralidade, ora caracterizados por maior ou menor grau de escrituralidade.

No que respeita à oralidade nas redes sociais, o fato de os gêneros nelas predominantes serem de expressão escrita, não lhes tira, portanto, o caráter de oralidade, o que, contudo, não os identifica, em suas instâncias de produção de sentidos, com as dos gêneros de expressão falada caracterizados pela oralidade.

Nestes, como se pode atestar em conversas, discussões, debates, entrevistas, a oralidade se revela na interatividade particularmente intensa. Essa intensidade decorre, acima de tudo, do próprio fato de esses gêneros serem falados, ou seja, de caráter vocal, realizados *in praesentia*, isto é,

com os interlocutores num mesmo espaço físico. Interações linguísticas nesse contexto têm seus sentidos intensificados pela ação conjunta e mutuamente dependente dos interlocutores na construção linguístico-discursiva dos turnos; pela simultaneidade dos processos de formulação do turno e de construção da compreensão, pois, enquanto o falante evolui na formulação de seu turno, o ouvinte o acompanha, aqui e agora, na construção da compreensão; pela alternância síncrona de turnos, ocorrendo o turno do destinatário na sequência imediata ao turno do destinador; pela sensibilidade e a emoção inerentes às variadas modulações prosódicas e entonacionais e às diferentes manifestações mímico-gestuais e proxêmicas.

Já a oralidade nos gêneros de expressão escrita, como o *WhatsApp*, *chats*, *e-mails* vêm, em grande parte, despida de muitos desses fatores de intensificação dos sentidos. As interações ocorrem *in absentia*; embora haja contrução conjunta e dependência mútua na evolução da interação, elas não têm a intensidade da ação conjunta revelada nas interações *in praesentia*; o destinatário não acompanha, aqui e agora, a evolução do turno do destinador, fato que vai afetar diretamente a alternância de turnos que, muitas vezes, será assíncrona. E por fim, por serem interações *in absentia*, a oralidade nas redes sociais perde em intensidade interativa, por estarem praticamente ausentes nela ou muito atenuados os sentidos resultantes da emoção e da sensibilidade das manifestações corporais *in praesentia*.

Comparando-se a oralidade nas interações de enunciação escrita com a das interações de enunciação falada, verifica-se nestas uma interatividade intensa, mas de duração efêmera. *Verba volant*<sup>[1]</sup>... diz a primeira parte do ditado latino. Já naquelas, a interatividade menos intensa assume, na perspectiva do tempo, um caráter de perenidade e o de amplo alcance, consoante o final do referido ditado, ... *scripta manent*. Estas questões iremos discutir teoricamente adiante, mas, para tanto, precisamos, antes, de alguns fundamentos de enunciação, que apresentamos no próximo tópico.

### 3. O enunciado como produto da enunciação

Enunciação, como já se disse, é o uso da linguagem em situações de interação, por meio das quais os indivíduos realizam suas práticas sociais. A enunciação implica a relação entre um enunciador e um enunciatário. Na comunicação falada face a face, esses papéis enunciativos são exercidos pelos interlocutores, falantes e ouvintes. Na interação escrita, segundo Fiorin (2003, p. 163), “enunciador e enunciatário correspondem ao autor e leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e à do leitor construídas pela obra”. Numa concepção mais abrangente, Tatit (2002, p. 205) diz que

[1] *Verba volant, scripta manent* = As palavras faladas voam e as escritas permanecem.

o conceito de enunciador deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta, etc.; a noção de enunciatário, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores de maneira geral.

Do ato de enunciação resulta o enunciado, por meio do qual o enunciador se comunica com o enunciatário. À primeira vista, pode-se entender que, nessa relação, o enunciador é o sujeito da enunciação. É um equívoco, no entanto, atribuir a ele o papel ativo de produzir o enunciado e ao enunciatário a passividade da recepção. Ambos, na verdade, constituem o sujeito da enunciação, conforme atestam Greimas e Courtés (2008, p. 150): “O termo ‘sujeito da enunciação’, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário”. Este último assume, então, o papel de coenunciador, já que, no dizer de Fiorin (2003, p. 163), “o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige”.

No caso do texto escrito, então, os conhecimentos que o autor tem ou acredita ter do leitor são, sem dúvida, determinantes nas escolhas temáticas e formas de sua abordagem, na seleção lexical, na estruturação da complexidade sintática, na escolha dos procedimentos figurativos e na configuração de outras dimensões da estruturação textual. É nesse sentido, então, que o destinatário do enunciado é coenunciador.

Da mesma forma, nas interações face a face, ou nas que ocorrem no âmbito das redes sociais, os interlocutores são orientados em sua enunciação por simulacros mútuos, que consistem tanto em conhecimentos prévios anteriores ao início da interação quanto nos que vão se desenvolver no desdobramento dela (Hilgert, 2011). Em suma, toda interação implica essa base comum de conhecimentos (*common ground*, no dizer de Clark, 1996a), constituindo ela um fator de coenunciação entre os interlocutores e, por isso, de ação conjunta (*joint action*, cf. Clark, 1996b) na construção dos sentidos na enunciação.

Pelo fato de a enunciação acontecer em situações comunicativas desencadeadas no âmbito das práticas sociais dos indivíduos, ela assume grandeza histórica e, como tal, é necessariamente realizada por sujeitos, em tempos e espaços determinados. Por isso, a *pessoa*, o *tempo* e o *espaço* constituem as três grandes categorias da enunciação.

Quem enuncia é sempre um *eu* que, ao dizer-se *eu* na interação, institui o *tu*<sup>[2]</sup>. É só o *eu* quem diz *tu* e, ao dizê-lo, institui-se como *eu* no discurso. “O *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo, que é constitutiva

da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis *eu/ tu*” (Fiorin, 1996, p. 41). O *eu* (*eu/tu*) enuncia no tempo *agora* e no espaço *aqui*. Esse espaço e esse tempo estão na dependência da ação do *eu*, na medida em que se instituem pelo fato de neles ocorrer o ato da enunciação. Em outras palavras, as categorias de *espaço* e de *tempo* na língua definem-se a partir da categoria *pessoa*, ou seja, o *eu-aqui-agora* do ato da enunciação é ponto de partida para estabelecer todas as demais relações de *pessoa*, de *espaço* e de *tempo* na língua.

O enunciador pode se valer de duas estratégias para projetar a enunciação no enunciado/texto: ora ele marca o enunciado com traços do ato enunciativo, ora ele omite essa marcação. No primeiro caso, o enunciador projeta a enunciação no enunciado, constituindo um narrador em primeira pessoa. Em relação à *pessoa*, esse procedimento resulta em efeitos de sentido de subjetividade, pessoalidade, proximidade, cumplicidade, afetividade, sensibilidade e outros consequentes desses; e, em relação ao tempo e ao espaço, predominam os efeitos de presentificação, como se a enunciação acontecesse no *aqui* e *agora* do ato da leitura do texto, ou da mensagem recebida na interação on-line, o que é, evidentemente, uma ilusão, já que o objeto de leitura pressupõe a enunciação anterior. Autobiografias, cartas privadas, e-mails, chats, *tweets*, mensagens pelo *Facebook* e *WhatsApp* costumam ser identificados por esse tipo de enunciação. São, por isso, chamados de *enunciados enunciativos*.

A segunda estratégia de projeção da enunciação no enunciado consiste em o enunciador omitir no enunciado as marcas da enunciação. São os *enunciados* em que o enunciador se apresenta no enunciado como um narrador em terceira pessoa, em relação a um espaço *lá* e um tempo *então*. Como qualquer enunciado, também este é produto da enunciação de um *eu*, num tempo *agora* e num espaço *aqui*. Estrategicamente, porém, o enunciador não projeta a ação subjetiva do ato de enunciar no enunciado, na medida em que apresenta um narrador, delegado da voz do enunciador no enunciado, em terceira pessoa, e um narratário não interpelado como *pessoa* do discurso. Essa estratégia produz o efeito de sentido de um enunciador que se distancia do objeto de sua abordagem, analisando-o de forma objetiva e criteriosa; que é impessoal e racional em suas afirmações, produzindo efeitos de verdade e de certeza; que cultiva o distanciamento em relação a seu destinatário, sem o mencionar como *pessoa* do discurso no enunciado ou referindo-se a ele em terceira pessoa. Enunciados desse tipo recebem o nome de *enunciados enuncivos*. Pertencem a essa categoria os textos marcados pelos traços próprios da escrituralidade, como trabalhos científico-acadêmicos, editoriais jornalísticos, discursos jurídicos. Os enunciados enuncivos são considerados objetivos, racionais, livres de opiniões pessoais. Na verdade,

[2] O *tu* é a denominação genérica dada ao actante instituído pelo *eu*. Nos textos concretos, o *tu* ora se realiza na própria forma *tu* da segunda pessoa do singular, ora na forma do *você*, que também é segunda pessoa, ainda que concorde com o verbo na terceira.

porém, como lembra Fiorin (2003, p. 179), “não existem textos objetivos, pois eles são sempre fruto da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade”.

Com base nessas considerações sobre a natureza do enunciado-texto como produto da enunciação, apresentamos fundamentos, a nosso ver, essenciais para a compreensão e a análise das interações nas redes sociais, que são, predominantemente, enunciados enunciativos, isto é, marcados pelos traços da enunciação. É neles que pretendemos observar as relações entre narrador e narratário, isto é, a relação eu/tu (você) instituída nos limites do enunciado. Antes, porém, vamos refinar o conceito de oralidade, já introduzido acima, à luz dos fundamentos da enunciação apresentados.

#### 4. A oralidade nas redes sociais

Marcuschi (2010, p. 27), ao discutir a visão dicotômica na distinção entre oralidade e escrita, fala de “dicotomias estritas” entre fala e escrita. Nessa perspectiva, a primeira se caracterizaria pelos seguintes traços: “contextualizada, dependente, implícita, redundante, não planejada, imprecisa, não normatizada e fragmentária”; e a segunda, por estes outros: “descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada e completa”. Segundo o autor, não há, nesses traços distintivos, “preocupação alguma com os usos discursivos nem com a produção textual”, e acrescenta: “disto surgem visões distorcidas do próprio fenômeno textual” (p. 28). Talvez a distorção mais destacada, nesse sentido, consista em definir a oralidade e a escrita meramente como formas de expressão linguística.

Koch e Österreicher (1994, 2016) distinguem, nessa perspectiva, a *fala medial* da *escrita medial*, sendo a primeira de caráter vocal, e a outra, de natureza gráfica. Para superarem essa dicotomia simplificadora na concepção, análise e interpretação dos gêneros discursivos - os autores falam em gêneros textuais - preconizam uma *oralidade conceptual* e uma *escrita conceptual*, concebendo oralidade e escrita nos termos em que as definimos acima, isto é, como instâncias constitutivas dos gêneros, como fatores inerentes à própria possibilidade de ser dos gêneros, independentemente de sua expressão medial. Segundo esse ponto de vista, os gêneros discursivos se distribuiriam num *continuum* de um polo a outro, do polo da oralidade conceptual ideal, em que a oralidade como fator constitutivo do gênero se manifesta na expressão falada prototípica, ao polo da escrita conceptual ideal, em que a escrituralidade como instância constitutiva do gênero se revela na expressão escrita prototípica. Exemplificam esses polos extremos, do lado da oralidade, os gêneros conversacionais

informais (conversas fortuitas, discussões), de interatividade intensa; e do lado da escrituralidade, os gêneros formais da escrita (textos científicos, jurídicos), de pouca ou nenhuma interatividade explícita. Por isso se diz que os gêneros, dependendo de sua proximidade ou de seu distanciamento em relação a um ou outro polo são marcados por um grau maior ou menor de oralidade ou de escrituralidade.

Ao tratar da fala e da escrita na internet, Barros (2000, 2006, 2015, 2016) desenvolve uma raciocínio muito próximo ao de Marcuschi e dos dois autores alemães. A autora aponta duas características básicas da escrita e da fala na internet: por um lado, a impossibilidade ou, ao menos, a dificuldade de fazer distinções rígidas entre a fala e a escrita ideais e, por outro, o que seria uma decorrência dessa dificuldade, a existência de um *continuum* entre esses dois polos, em que se situam “posições intermediárias” entre eles. É precisamente nessas “posições intermediárias” que se situariam gêneros como interações no *whatsapp*, *twitter*, *instagram*, *facebook*, *e-mail* e em *blogs*, todos de expressão escrita, mas constitutivamente concebidos como orais.

A originalidade do ponto de vista de Barros está no fato de ela definir e caracterizar essas “posições intermediárias” com base nas três categorias da enunciação constitutivas de toda manifestação discursiva: o sujeito, o tempo e o espaço. Como vimos, em toda enunciação (escrita ou falada), sujeitos interagem, num determinado tempo e num certo espaço. Da ação conjunta de sujeitos, interagindo num tempo e num espaço, resultam os enunciados, que, por certa confluência temática, composicional e estilística relativamente estável, compõem e definem os diferentes gêneros discursivos.

Ao tratar das características *temporais*, Barros considera, tendo como referência a escrita e a fala ideais, dois aspectos: a) a *concomitância* ou *não-concomitância* da elaboração e da produção do discurso; b) a aspectualização *contínua* ou *descontínua* do tempo. No enunciado escrito, considerando a escrita ideal, a elaboração e a produção são *não concomitantes*, porque o planejamento e a elaboração são anteriores à produção, da qual resulta um produto final “limpo” das marcas inerentes ao processo da enunciação. Do ponto de vista da aspectualização, os textos escritos são *contínuos*, na medida em que “**duram** mais” do ponto de vista de sua dimensão e complexidade.

Já nos enunciados da fala, os dois momentos, elaboração e produção, são concomitantes, não havendo, em princípio, planejamento anterior. A elaboração acontece na medida em que a interação evolui. Por isso, o enunciado da fala explicita os procedimentos de sua formulação, ficando nele inscritas as hesitações, pausas, interrupções, correções, repetições, paráfrases. Quanto à aspectualização, a fala, no dizer de Barros (2015, p. 16),

“A sensação de que o mundo e o Brasil de hoje estão retrocedendo à barbárie nos advém, em grande parte, dos discursos carregados de mentiras e falsidades, de ódio e violência, preconceito e intolerância, que circulam e se multiplicam exponencialmente nas redes sociais”

“ocorre fragmentada em jatos ou borbotões”. Em razão dessas características, enunciar *falando* produz efeitos de sentido de informalidade e incompletude: os primeiros decorrentes da falta de planejamento prévio; os outros, em razão do caráter passageiro e fugaz dos enunciados, sempre sujeitos a reformulações no curso da interação.

Se considerarmos essas características da fala e as relacionarmos com as das interações por escrito na internet, observa-se que alguns gêneros, considerando “as posições intermediárias” entre os dois polos propostas por Barros, se situam muito próximos do polo da fala, como é o caso das interações no *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e nos *chats* em geral, já que se desenvolvem, em princípio, sem planejamento prévio, contendo, por isso, reformulações, correções, interrupções para a solução de problemas de compreensão e mal-entendidos. Outros gêneros se distanciam um pouco dessa oralidade como é o caso de e-mails, de certos blogs, em que essas marcas de formulação e reformulação on-line não costumam aparecer, mas apresentam outras que os mantêm na zona de oralidade.

Ainda segundo Barros, por suas características temporais, os enunciados marcados tanto pela oralidade quanto pela escrita recebem valorações ora positivas, ora negativas. A informalidade e a incompletude levam a qualificar discursos com essas características como “mais **francos, sinceros, subjetivos, cúmplices, atuais, novos, verdadeiros**”, mas, pelas mesmas razões, podem eles ser desqualificados como “**discursos com envolvimento excessivo, incompletos, mal elaborados, efêmeros**” (2015, p. 17)<sup>[3]</sup>. O mesmo pode se dizer sobre os aspectos temporais dos discursos escritos. São avaliados positivamente, porque “mais objetivos, completos e bem elaborados e acabados”, e negativamente, por serem “excessivamente formais e rígidos” (p. 17).

Quanto à categoria *espaço*, Barros (2015) aponta como a principal característica dos discursos orais o “efeito de sentido de presença” dos interlocutores num mesmo espaço e contexto, como ocorre, de forma prototípica, nas conversações face a face. No âmbito das interações na internet, são comuns expressões como *entrar na sala*, *deixar a sala*, *estamos aqui*, que efetivamente criam esse efeito de copresença dos interlocutores num mesmo espaço. Nos espaços acadêmicos, durante a pandemia, um exemplo concreto nesse sentido ocorre nas sessões de defesa de teses e dissertações on-line, quando, para as deliberações finais dos membros da banca, o presidente pede ao candidato e ouvintes que *se retirem por um momento da sala*. Assim, como no caso das marcas relacionadas à categoria tempo nos discursos, os traços de copresença produzem neles efeitos de sentido de proximidade em diferentes graus, dependendo dos gêneros, situando-se eles ora mais próximos ora mais distantes da configuração das interações faladas face a face. Também quanto à qualificação, os efeitos de copresença são responsáveis por valorações positivas

ou negativas dos discursos em que ocorrem: no primeiro caso, porque favorecem a informalidade, a privacidade, a cumplicidade, a expressão de sensibilidade e afetividade; no outro, porque são excessivamente subjetivos, faltando-lhes, portanto, objetividade e imparcialidade.

Por fim, no que respeita aos *sujeitos* dos discursos, ou seja, aos interlocutores que se envolvem em sua construção, a primeira característica a destacar nas interações marcadas pela oralidade, seja nas conversas face a face, seja nas interações por escrito nas redes sociais, é o traço de *coletividade*. No caso das conversas, os discursos resultam de ações conjuntas, em que interlocutores *in praesentia* vão alternando turnos, ação em que a fala de um é determinada pela do outro. Nas redes sociais, as interações comportam traços que refletem esses efeitos de sincronicidade e mútua determinação, aproximando-se, portanto, da oralidade prototípica. Já nas interações escritas, por meio de textos acabados, estão ausentes essas marcas de produção conjunta, vindo eles caracterizados pela *individualidade*.

Os efeitos de sentido produzidos pelos dos traços de produção coletiva e síncrona dos enunciados coincidem com os que já apontamos para as propriedades temporais e espaciais dos discursos na internet: os sujeitos em interação mantêm entre si posições simétricas, descontraídas, informais, cúmplices, que ora são valorizadas positivamente, ora negativamente.

Há ainda um último aspecto apontado por Barros, de maior relevância para este estudo, relativo às interações nas redes sociais. Ele decorre da “posição intermediária” entre fala e escrita que esses discursos ocupam: é o seu caráter *complexo*, por serem tanto fala quanto escrita. A respeito dele, afirma Barros:

Definida pela complexidade, a comunicação na internet é, ao mesmo tempo, próxima e distante; descontraída e formal; incompleta e completa; subjetiva e objetiva. Nesse caso, ela tem seus sentidos exacerbados, já que engloba as possibilidades de interação das duas modalidades, de que resultam sua interatividade intensa, a longa conservação de seus conteúdos e a grande extensão de seu alcance (Barros, 2015, p. 19)

Portanto, conforme já adiantamos, a comunicação por escrito nas redes sociais é mais *intensa* do que a escrita ideal justamente em razão de sua interatividade, que evoca a da fala prototípica; por outro lado, ela é mais *duradoura* do que a fala, que, como vimos, é essencialmente fugaz e passageira. Por isso, as interações nas redes sociais oferecem as condições propícias a produzir efeitos de sentido de exacerbação, justamente por elas se caracterizarem por essa intensidade e durabilidade. No que respeita à *durabilidade*, cabe enfatizar que esses discursos marcados pela oralidade, por serem escritos, assumem um caráter de perenidade e

[3] Os destaques são da autora citada.

de grande alcance comunicacional. Esse fato torna as redes sociais um campo extremamente fértil para multiplicar, perenizar e difundir ideias e informações mentirosas, discriminatórias, preconceituosas e intolerantes, conforme atesta Barros (2016, p. 12): “o discurso na internet permite e facilita a construção e a propagação de ondas de intolerância e, sobretudo, acentua a permanência, a extensão e o caráter passional e sensorial da intolerância”. Com efeito, manifestações preconceituosas e intolerantes manifestas de viva voz no calor da contenda tendem a logo se dissipar, no entanto, se forem levadas às redes sociais, por escrito, elas lá permanecem, tomam destinos inúmeros e incertos, são incontrolláveis e até, em certa dimensão, indelévels.

## 5. As interações no Facebook

Se há um termo que define o Facebook é a visibilidade. Nesse sentido, a plataforma foi concebida para que as interações por meio dela produzam intenso efeito de presença conforme atesta a própria pergunta de entrada: “No que você está pensando agora, (nome do interpelado)?” ou “Deseja compartilhar uma atualização, ...? É um eu que se dirige a um tu (você), interpelando-o na forma de uma pergunta, que induz a uma resposta. Institui-se, assim, o grande cenário do diálogo, em que os interlocutores são convidados a falar, a conversar informalmente, como se estivessem numa interação face a face. Em suma, é estimulada a oralidade, ainda que por meio da escrita. Há, na internet em geral e no Facebook em particular, um constante e intenso apelo a que o usuário tome a palavra, externe o seu ponto de vista. Trata-se de um apelo direto e pessoal, tão pessoal que o espaço disponibilizado para o interlocutor responder e se pronunciar vem junto a uma imagem que o representa – geralmente uma fotografia sua – e introduzido por um convite nominal à interação. A imagem, com o efeito de sentido de realidade que produz, intensifica o efeito de presença e de proximidade, particularmente quando nela o olhar do interpelado se dirige ao pressuposto olhar do interpelador. O encontro de olhares evoca de forma ainda mais realística o cenário de uma interação face a face.

Nesse ambiente de informalidade, a enunciação flui, muitas vezes, em desdobramento síncrono, sem preparação prévia, o que implica formulação e planejamento concomitantes. Os enunciados assumem, por isso, características composicionais e estilísticas das conversas, como mostra, em seus aspectos lexicais e sintáticos, este exemplo, dos cinco relacionados logo a seguir: *oba menos 60 pra para mata i rouba vao voubar nu inferno rebanho di cabrunco si tava la nu presidio foi porque algunha ciosa feis*. Não há, nessa passagem, nenhuma preocupação com as formalidades da escrita, justamente porque ela não é para ser um enunciado escrito, mas falado, de acordo com o sentido que atribuímos à oralidade e à escrituralidade. Os próprios temas nesses ambientes são condicionados pela oralidade. Em situações de conversa, cabem certos temas, mas não outros, que, em contextos diferentes, terão pro-

priedades composicionais e estilísticas distintas.

Uma vez absorvidos por esse clima de interlocução próxima, os internautas são movidos por um novo condicionamento, que é o de serem impulsionados uns pelos outros. Observem-se os comentários à seguinte notícia veiculada no Facebook, em 2 de janeiro de 2017:

Sessenta presos foram assassinados em um confronto entre duas facções criminosas, durante uma rebelião que começou no domingo (1º) e só foi controlada nessa segunda-feira (2), no maior presídio de Manaus. O número oficial de mortos foi divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado.

Sobre ela seguiram-se 427 comentários, dos quais transcrevemos aqui cinco: (1) *oba menos 60 pra para mata i rouba vao voubar nu inferno rebanho di cabrunco si tava la nu presidio foi por que algunha ciosa feis* / (2) *Bandido bom é 7 palmos abaixo da terra* / (3) *Era pra demorar pelo menos uns noventa dias esta rebelião. Para ver quantos vermes destes o Satanás ia levar* / (4) *Tem nada não gente! morreu poucos, são simplesmente vagabundos matando vagabundos, era ruim si fosse cidadão de bem q tivesse morrido* / (5) *Tem é que morrer toda essa gente maldita, se estão lá é pq fizeram o que não deviam.... Bandido bom é bandido morto*. Os demais comentários, com poucas exceções, mantiveram esse mesmo tom: uma sequência de insultos e impropérios, como se fosse uma multidão desvairada gritando em coro uníssono.

Ao primeiro comentário, segue um outro e, assim, sucessivamente, dependendo da candência do tema em pauta, junta-se uma multidão, na qual todos se influenciam e se comovem mutuamente, gerando o que Barros (2016) denomina de “ondas” ou “tsunamis” de reações. É provável que a coragem de o indivíduo se manifestar, com a crueza que esses exemplos revelam, advenha mais da onda da massa do que de postura individual consciente.

Ao tratar desse comportamento, enquanto erupção de um grupo de pessoas, Canetti explica que

[...] a massa destrói preferencialmente edifícios e objetos. Como frequentemente se trata de coisas quebradiças – como vidraças, espelhos, vasos, quadros, louça –, inclinamo-nos a acreditar que é justamente esse caráter quebradiço dos objetos que estimula a massa à destruição. Seguramente o ruído da destruição – o espatifar-se da louça, o tinir das vidraças contribui de modo considerável para o prazer que se tem nela [...]. O fato de ser tão fácil provocá-los intensifica-lhes a popularidade: todos gritam em uníssono, e o tinir é o aplauso dos objetos. [...] O barulho promete o fortalecimento pelo qual se espera, constituindo ainda um feliz presságio dos feitos que estão por vir (Canetti, 2019, p. 16).

Da mesma forma como a massa que caminha por espaços físicos é estimulada a atacar elementos quebradiços como forma de fortalecimento, essas manifestações de

fúria e violência contra os presidiários advêm, de certa forma, do ataque a elementos que carregam a semântica do ser quebradiço. Com efeito, por estarem encarcerados, não têm como esboçar qualquer tipo de defesa, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista moral. Atacar elementos quebradiços é uma maneira de a massa elevar sua força e adensar seu espírito de coesão.

Outro fator que fortalece a interatividade intensa no *Facebook* é o fato de a mediação do celular ou do computador colocar o interlocutor numa posição de segurança e conforto. Ele pode se expressar sem as coerções das interações face a face, já que seu corpo se encontra protegido em outro espaço. Sua presença no espaço de interlocução é uma presença virtualizada. Segundo Amossy (2017, p. 173), na internet não se manifestam mais “atores sociais, mas ‘avatares’, seres dotados de uma identidade fictícia no cyberspaço”.

Por fim, queremos ainda chamar especial atenção para o caráter *escrito* da oralidade na internet. Consideremos os comentários acima, agora pronunciados por amigos bebendo cerveja em torno de uma mesa de bar, ao mesmo tempo em que assistem ao noticiário da noite, no televisor do alto da parede. A proximidade física entre eles, com todas as modulações de tonicidade e volume de voz, e as encenações com gestos e mímicas faciais, levam-nos a uma interatividade muito mais intensa do que a verificada nas redes sociais. Mas, terminada a reunião, os impropérios param, são esquecidos, e provavelmente ninguém se lembrará deles no dia seguinte. O mesmo, porém, não ocorre quando eles são veiculados por escrito na internet. Aí eles assumem perenidade, podendo ser recuperados no futuro, reformulados e retextualizados livremente. Além disso, o seu alcance e destino é desconhecido e inimaginável.

Justamente esse caráter de durabilidade e de vasto alcance das interações no *Facebook* torna essa plataforma e as redes sociais em geral (*WhatsApp*, *Twitter*, *Instagram* e outras) um espaço discursivo particularmente propício para a proliferação e a difusão de extremismos e discriminações de toda ordem. Essas interações, como vimos, por imprimirem a oralidade na expressão escrita, assumem, no dizer de Barros (2015), um caráter complexo, do qual lhes vêm a sua intensidade e exacerbação. Os discursos populistas e protofascistas exploram à exaustão esse caráter, quando polarizam e dividem a sociedade em *nós* e *eles* ou *vocês* (Stanley, 2018): *nós*, os cidadãos honrados, *eles*, os corruptos; *nós*, os que cultivam os valores da família, *eles*, os que estimulam a tolerância liberal; *nós*, os que trabalhamos e produzimos, *eles*, os preguiçosos que vivem a nossa custa;

*nós*, que não temos medo do vírus, *eles*, os apavorados que ficam escondidos em suas casas; *nós*, os democratas, ele, os comunistas. A sensação de que o mundo e o Brasil de hoje estão retrocedendo à barbárie nos advêm, em grande parte, dos discursos carregados de mentiras e falsidades, de ódio e violência, preconceito e intolerância, que circulam e se multiplicam exponencialmente nas redes sociais. Não bastasse a gravidade da pandemia, que já matou meio milhão de brasileiros, muitos cidadãos são vítimas diariamente de notícias falsas e mentirosas deliberadamente postadas para confundi-los, para desacreditar a ciência e solapar os esforços dos cidadãos de bem que lutam para sustar o vírus e barrar o curso da barbárie.

## 6. Considerações finais

Mostramos neste texto que os discursos das redes sociais são constitutivamente orais, ou seja, a oralidade que os constitui não se confunde com o fato de serem de expressão escrita ou falada. Ela é uma instância constitutiva inerente a ambas as formas de expressão medial, assim como a escrituralidade também o é. Oralidade e escrituralidade de certa forma definem o “caráter” de gêneros discursivos, que só têm existência por serem *caracterizados* ora pela oralidade, como são conversas de bar, rodas de anedotas, discussões futebolísticas ou interações por *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter*; ora pela escrituralidade, como palestras, comunicações acadêmicas, sermões ou trabalhos científicos, documentos oficiais, textos de leis. Como todo gênero discursivo emerge das práticas sociais dos indivíduos em interação, há práticas em que os temas nelas em foco somente se constroem por meio de estruturas composicionais e configurações estilísticas marcadas pela oralidade. É o que acontece com a maior parte dos gêneros das redes sociais. Teoricamente sustentamos esse princípio em fundamentos da enunciação, mostrando, com base no *Facebook*, que, nas redes sociais, as interações são nitidamente subjetivas, privilegiando os efeitos de sentido de proximidade e até de intimidade. A ilusão de serem interações face a face dá-lhes o caráter de conversa informal, que vai se refletir nas características específicas que o texto por escrito vai assumir. Essa natureza complexa dos discursos nas redes sociais de serem falados apesar de escritos lhes confere as propriedades de serem interativamente intensos e de longa durabilidade e amplo alcance. Esses traços fazem das plataformas de interação social espaços propícios a discursos inflamados e polarizados.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. 2017. *A apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 224p.
- BAKHTIN, M. 2011. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 512p.
- BARROS, D. L. P. de. (2000). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. in: Preti, D. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, p. 57-77.
- BARROS, D. L. P. de. (2006). Efeitos de oralidade no texto escrito. in: Preti, D. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, p. 57-84.
- BARROS, D. L. P. de. (2015). A complexidade discursiva na internet. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.13, n.2, pp.13-31. <https://doi.org/10.21709/casa.v13i2>
- BARROS, D. L. P. de (2016). Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de estudos linguísticos*. v. 58. n.1, pp. 7-24. <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646151>
- CANETTI, E. 1995. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 726p.
- CLARK, H. (1996a). Communities, commonalities and communication. In: GUMPERZ, J. e LEVINSON, C. *Rethinking linguistik relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 324-355.
- CLARK, H. (1996b). *Using language*. Cambridge: [Cambridge University Press](https://doi.org/10.1017/CBO9780511527811.004), 446p.
- FIORIN, J. L. 2003. Pragmática. In: J. L. FIORIN (org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo, Contexto, v. 2, p. 161-185.
- FIORIN, J.L. (1996). *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática, 288p.
- GREIMAS, A; COURTÉS, J. 2008. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 544p.
- HILGERT, J. G (2011). A oralidade em textos escritos: reflexões à luz de uma teoria de texto. *Calidoscópio*, v. 9, n. 3, p. 171-179. <https://doi.org/10.4013/cld.2011.93.01>
- HILGERT, J. G; BASTOS, A. (2017). A irrupção do ódio na internet: traços discursivos de sua manifestação no Facebook. *Desenredo*, v.13, n. 3, pp. 733-745. <https://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i3.7429>
- KOCH, P. e ÖSTERREICHER, W. 2016. 30 Jahre "Sprache der Nähe - Sprache der Distanz". Zu Anfängen und Entwicklung von Konzepten im Feld von Mündlichkeit und Schriftlichkeit. In: FEILKE, H. und HENNIG, M. (org). *Zur Karriere von "Nähe und Distanz": Rezeption und Diskussion des Koch-Oesterreicher-Modells*. Berlin/ New York: de Gruyter, pp. 11-72.
- KOCH, P. e ÖSTERREICHER, W. 1994. Schriftlichkeit und Sprache. In: GÜNTHER, H./ LUDWIG, O. (org.): *Schrift und Schriftlichkeit: ein interdisziplinäres Handbuch internationaler Forschung*. Berlin/New York: de Gruyter, v. 1, pp. 587-604.
- MARCUSCHI, L. A. 2010. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 136p.
- STANLEY, J. 2018. *Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles"*. Porto Alegre: L&PM, 208p.
- TATIT, L. 2002. A linguagem do texto. In: J. L. FIORIN (org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo, Contexto, v.1, p. 187-209.